

# ESTILOS NARRATIVOS E PERTENÇA SOCIAL: análise de histórias de vida

Maria Luisa Sandoval Schmidt\*

---

## RESUMO

*Este artigo aborda as relações entre experiência e comunicação oral, enfocando, basicamente, dois temas: a) os estilos narrativos e sua conexão com modos de pertença social e b) a pertinência das histórias de vida e depoimentos para a compreensão de modos de inserção social e de relação com a tradição, presentes numa comunidade com predominância da comunicação oral.*

*São analisados os relatos orais de duas moradoras da comunidade de Cachoeira do Guilherme, localizada na Estação Ecológica Juréia-Itatins, no litoral sul de São Paulo.*

*A interpretação de histórias de vida e depoimentos revela a existência de um estilo narrativo crítico associado à experiência de marginalidade social e à problematização dos conteúdos tradicionais da cultura grupal e um estilo narrativo mais propriamente tradicional associado à manutenção da coesão grupal, encarnados em cada uma das narradoras.*

*Palavras-chave: Relatos orais - experiência - identidade social - comunidade tradicional*

## ABSTRACT

*Narrative styles and social identity: life stories analysis. This paper concerns the relationships between experience and oral communication. Basically, it focuses two themes: a) the narrative styles and its connection with social identity and b) the adequacy of the life stories and testimonies to comprehend how social identity and relationship with tradition are related in a oral community.*

*Oral reports are analysed taken from two females community members of Cachoeira do Guilherme, located in south coast of São Paulo.*

*Interpretation of life stories and testimonies reveals: 1) the existence of a critical narrative style, associated to social marginal experience and to a problematic relationship among traditional contents from a group culture, and 2) a traditional narrative style associated to maintenancy of groupal cohesion that embodies the testimonies of both narraters.*

*Key-words: Oral reports - experience - social identity - traditional community.*

---

\* Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

## Introdução

Entre 1993 e 1995 realizei a coleta de histórias de vida e depoimentos de moradores de comunidades tradicionais localizadas no interior da Estação Ecológica Juréia-Itatins, no litoral sul do Estado de São Paulo. Esta coleta foi acompanhada de observações etnográficas sobre a vida comunitária e ambas, coleta de depoimentos e observações etnográficas, constituíram o trabalho de campo do projeto de pesquisa *Experiência, tradição oral e religiosidade em comunidades da Estação Ecológica Juréia-Itatins*.<sup>1</sup>

O referido projeto teve como objetivos o estudo das formas de elaboração e transmissão da experiência pessoal e coletiva e suas conexões com a religiosidade e a tradição oral. No que diz respeito, especificamente, à tradição oral, objeto do presente artigo, os objetivos contemplavam: a) a coleta e análise de narrativas e lendas significativas do imaginário das comunidades; b) identificação das ocasiões de elaboração e de transmissão das narrativas e lendas; c) análise do lugar que as narrativas e lendas ocupam no imaginário pessoal e coletivo enquanto promotoras da elaboração da experiência e d) análise das relações entre narrativas e lendas e outros fenômenos tais como festas, educação informal, religiosidade, contato com outros grupos sociais, entre outros.

Foram estudadas quatro comunidades - Parnapuã, Barra do Una, Praia do Una e Cachoeira do Guilherme - através da metodologia de relatos orais.

A opção pela metodologia de relatos orais repousa na estreita relação existente entre experiência e narrativa. A experiência reporta a uma elaboração do fluxo do vivido que ocorre, no tempo, pela sedimentação e incorporação constantes do diverso e do plural que compõem a vida de um indivíduo e a narrativa é a forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos e a constante mutação, no tempo, características desta elaboração. (BENJAMIN, 1985). Dessa maneira, os relatos de um sujeito da experiência têm o estatuto de registro desta experiência: um registro que é, concomitantemente, ocasião de elaboração e transmissão da experiência.

Duas modalidades de relatos foram colhidas: histórias de vida e depoimentos. Com as histórias de vida buscava-se obter uma visão mais ampla da história e dos fenômenos relevantes para as comunidades, a partir de seus porta-vozes mais idosos. Buscava-se, tam-

bém, uma primeira apreensão de aspectos significativos de modalidades de experiência próprias ao grupo, bem como conhecer o elenco de personagens importantes para cada comunidade. Os depoimentos foram decorrentes das primeiras histórias de vida, circunscrevendo temáticas - especialmente a tradição das narrativas e a religiosidade - e ampliando o universo de sujeitos. (QUEIROZ, 1988; BOM-MEIH, 1996).

A configuração do universo de sujeitos que participaram da pesquisa também deve à metodologia de relatos orais sua coerência e sintonia com os objetivos da pesquisa. A partir das primeiras histórias de vida e de um maior conhecimento e convivência com as comunidades foram emergindo as pessoas significativas que permitiram expandir e qualificar este universo. A configuração em rede dos sujeitos foi feita a partir das indicações advindas dos moradores das comunidades que identificavam, localizavam e qualificavam os personagens sociais em seus diferentes talentos e saberes. Se se considera que as histórias de vida evidenciam uma malha de relacionamentos recíprocos entre o indivíduo e o grupo, na qual o grupo fala através do indivíduo e o indivíduo fala seu ponto de vista sobre as práticas sociais, tem-se, a partir delas, um painel da vida social naquilo que ela apresenta de significativo para os membros de um grupo. Assim, as histórias de vida como ponto de partida indicaram não só os fenômenos correlatos ao objeto de estudo tal como interpretados pelos indivíduos, ampliando as referências da pesquisadora, quanto os sujeitos a serem incluídos na pesquisa.

Estas observações metodológicas iniciais são importantes como clarificação do solo que dá sustentação a vários e diferentes recortes que permitem tanto destacar ou privilegiar uma linha de interpretação do material de campo, quanto, em consonância com a linha de interpretação, selecionar alguns relatos e, portanto, alguns sujeitos. Ou seja, permite justificar o trabalho de análise realizado sobre um certo número limitado de relatos e sujeitos em função de uma temática específica. A representatividade dos relatos e dos sujeitos repousa numa leitura que o pesquisador faz do lugar destes sujeitos e sua autoridade com relação à temática enfocada a cada etapa da interpretação e esta leitura, por sua vez, é guiada pela qualificação do sujeito conferida pela própria comunidade à qual pertence.

Embora a pesquisa de campo tenha contemplado a coleta de 26 histórias de vida e 43 depoimentos,

<sup>1</sup> Este projeto foi desenvolvido em colaboração com Miguel Mahfoud e teve o apoio financeiro da FAPESP.

incluindo 41 sujeitos, a presente comunicação se concentra na análise de duas histórias de vida e três depoimentos de duas moradoras da comunidade de Cachoeira do Guilherme. Este recorte atém-se à esfera das relações entre experiência e comunicação oral, enfocando, basicamente, as conexões entre estilos narrativos e modos de pertença social. A escolha das duas moradoras deriva, primeiramente, do talento que ambas exibem como contadoras de histórias, talento este reconhecido pela comunidade à qual pertencem. O fato de morarem na mesma comunidade, de serem de gerações diferentes e de ocuparem posições sociais que se apresentam em tensão é, também, razão para esta escolha.

As histórias de vida e depoimentos são analisados de acordo com o seguinte plano: a) apresentação das narradoras; b) comentário sobre o acervo e os modos próprios de narrar de cada uma e c) análise das relações entre estilo narrativo, pertença social e tradição.

### **Fragmentos de história de vida: imagens da narradora**

Paula nasceu em Cachoeira do Guilherme. É filha de *Seu Sátiro*, líder religioso da comunidade que exerce forte influência em toda a região adjacente. Ela é casada com Pradel que à época da pesquisa trabalhava como guarda-parque da Estação Ecológica. Tem dois filhos adultos que residem, também, na comunidade.

Paula é, num certo sentido, a herdeira dos ensinamentos espirituais e de cura de seu pai, bem como ativa participante dos rituais e festas que marcam a vida comunitária, sob a liderança de Sátiro. Sua idade não foi declarada com precisão, mas tem por volta de uns cinqüenta anos.

A história de vida de Paula é pautada pelo tema do trabalho e da luta pela sobrevivência. Esta história está intrinsecamente ligada à da família e à da comunidade que se estabeleceu em Cachoeira do Guilherme em decorrência de uma decisão do líder religioso inicial, a quem Sátiro sucedeu. Tratava-se de um lugar inabitado, no coração da mata, rio acima em direção ao maciço da Juréia. Tudo ali foi construído do zero: casas, roças, terreiros. A localização de Cachoeira do Guilherme foi e, relativamente ainda é, bastante isolada. O acesso a centros com algum recurso - Peruíbe, Iguape - era, nos primeiros tempos, difícil, através de longas caminhadas pela mata ou a remo, pelos rios. A

agricultura e a pesca com covó foram as principais atividades desenvolvidas para garantir a sobrevivência da família.

Grande parte do conteúdo de sua história de vida é ocupado pelo relato de episódios relacionados ao plantio da mandioca e do arroz, aos trâmites para a confecção da farinha, ao transporte de mantimentos para tentativas de comercialização e, nestes episódios, também se abrem as relações sociais de solidariedade e de trabalho coletivo que tecem a coesão do grupo, bem como as divergências, o isolamento, as tentativas de buscar emprego fora da comunidade.

Paula relata uma infância dura, porém protegida. A presença do pai é marcante como educador e como contador de histórias. Ouvir histórias ocupava o lugar de divertimento privilegiado ao tempo em que Paula foi criança. Era, ao mesmo tempo, a forma de contato com a existência de um mundo anterior e mais amplo do que aquele da comunidade. O acervo de histórias que Paula conta deriva do aprendizado feito junto ao pai. Nesse sentido, Paula é depositária da tradição oral dos *antigos*.

Uma das marcas mais fortes da história de vida de Paula é, justamente, a sua luta para permanecer em Cachoeira do Guilherme. Seu pai, por várias vezes, teve a intenção de abandonar o lugar devido às dificuldades e ao isolamento e Paula sempre se opôs, sentindo-se responsável, de alguma maneira, pela permanência de sua família.

*Porque eu nunca quis sair daqui, sabe, nunca. Nunca pensei de me mudar daqui. Não sei porque. Me dei muito certo com esse lugar. Porque tem lugar muito lindo, muito bom. Mas para mim não existe igual a esse.*

Desta forma, entende-se que a história de Paula está intimamente ligada à história da comunidade e seu destino. Atua, sem dúvida, como elemento aglutinador através de seus esforços para garantir formas de sobrevivência às famílias que ali residem<sup>2</sup>, de seu apego às tradições narrativas e religiosas e, finalmente, da liderança que exerce na administração de conflitos comunitários. Seu lugar é interessante, também, do ponto de vista das relações da comunidade com o "mundo exterior", pois ela se apresenta como uma espécie de "relações públicas", recebendo em sua casa aqueles que chegam de fora. Significativamente, a sua

<sup>2</sup> Paula incentivava e participava ativamente, por exemplo, da produção de doce de banana, cuja comercialização representava uma fonte de renda complementar para algumas famílias da comunidade.

casa fica à beira do ancoradouro onde as lanchas e canoas aportam ao chegar: sua casa é, portanto, a recepção, a porta de entrada da comunidade, pela localização e pela hospitalidade e boa acolhida.

*Consideram uma pessoa que acolhe eles sempre aqui.*

Nas poucas referências que Paula faz a si mesma, a característica que destaca sobre sua personalidade é a confiabilidade.

*Eu nunca contei uma mentira.  
Nunca enganei. Não sei enganar.*

Paula aparece, então, a partir de sua história de vida, como alguém que pertence à Cachoeira do Guilherme desde o nascimento, que lutou e luta para ali permanecer. Esta permanência implica, ainda, uma "militância" no sentido de preservar as tradições e a coesão grupal. Como porta-voz da tradição e do grupo atribui-se como característica fundamental a confiabilidade e a hospitalidade.

Cida, a segunda narradora pertinente a esta comunicação, nasceu, também, em Cachoeira do Guilherme. Tinha, por ocasião da pesquisa de campo, dezoito anos. É filha de Roso e Carmem - ele construtor de canoas e ela guarda-parque da Estação Ecológica. Cida é a filha mais velha do casal, tendo uma irmã mais nova de sete ou oito anos. A situação de sua família é peculiar na comunidade, havendo por parte do grupo mais estritamente ligado a Paula uma certa discriminação. O motivo desta discriminação, observada pela pesquisadora em situações do cotidiano, não chega a ser tematizado por Paula e seus familiares. Sabemos, através de Paula, que Roso foi criado por ela, "como um filho", embora ele jamais vá a casa de sua "mãe adotiva" ou sequer faça referências a ela. Outro aspecto que chama a atenção é o fato de nesta comunidade, onde predominam brancos, Carmem, bem como Cida, serem mulatas. Sobre as indisposições entre esta família e a de Sátiro há, no mais, muito silêncio, embora as atitudes, de ambas as partes, indiquem isolamento e afastamento mútuo.

A história de Cida é pontuada por um grande sofrimento ligado à luta pela sobrevivência. Relata que começou a trabalhar desde muito pequena, desde criança.

*Eu me considerava um homem. Não considerava uma mulher não, quando eu era criança, porque eu fazia tudo. (...) pescava, já vinha, pescava. Em viagem era a mesma coisa: saía desse sofrimento,*

*entrava noutra. Viagem tinha de remar. Apanhava chuva: todo mundo coberto e eu descoberta no meio da chuva. Era assim, direto, minha vida. Quer dizer que eu mesmo, eu mesmo não tive infância. Eu mesma não tive essa...adolescente, sabe, infância, festa, comemoração, é...festa de aniversário, sabe, presente...Não tive nada, só apenas uma escola de quarta série. Mas assim mesmo sofrendo fome.*

Sua história de vida é marcada pelo relato de episódios de sofrimento, fome, dor e maus tratos. O isolamento e a solidão de sua família aparecem nestes episódios. Enquanto há, na fala de Paula, referências ao trabalho coletivo, em Cida há sempre ela e seu pai, sozinhos, buscando obter os recursos para sobreviver, enquanto a mãe cuida da filha menor ou permanece em casa. Não participava das festas e rituais religiosos em casa de Sátiro, ocasiões importantes para a manutenção da coesão e identidade sociais do grupo, bem como ocasiões de retomada e fortalecimento das relações com comunidades vizinhas.

A trajetória de trabalho árduo, exploração, miséria e fome começou a ser atenuada com a admissão da mãe como funcionária da Estação Ecológica e no momento da coleta da história de vida, Cida considera que os tempos de sofrimento passaram e que ela e sua família estão muito bem. Não passa mais fome, pode responder a certas expectativas de consumo, mas, por outro lado, sente-se cansada, esgotada, velha, aos dezoito anos.

*Porque nossa vida foi da água pro vinho. Se aconteceu um milagre, na nossa vida, aconteceu, porque do jeito que nós vinha sofrendo, não tinha nada... Hoje, meu pai ganha de aposentadoria, minha mãe recebe salário, minha avó -que morava com nós aqui - ganha a aposentadoria dela, o marido dela também tem aposentadoria dele. Hoje sobra dinheiro que a gente não sabe nem o que fazer dele.*

*Agora, faz um ano e meio que eu não trabalho, não faço nada. Acordo dez, às vezes, nove. Mas eu tenho a vida cansado, pior do que mamãe que me criou. Por que? Porque eu trabalhei...a minha energia de criança foi tudo embora. Eu me sinto uma pessoa assim que quer calma, descanso.*

Cachoeira do Guilherme é tematizado como "um lugar abençoado" pois ali não tem visagem.

*Aqui ó, eu digo pra vocês, podem andarem à vontade, só o pior perigo que tem aqui é bichos. Por-*

*que aqui, à noite isso pode andar à vontade, que aqui nunca ninguém viu nada, nada. Esse é um lugar muito abençoado.*

Nos momentos, raros também, em que se qualifica, reconhece-se como uma pessoa curiosa e inteligente.

*E eu sou uma pessoa inteligente.*

*Porque sempre eu gosto de saber as coisas...fico curioso, né, pra gente saber o que que é.*

Nos últimos anos Cida conheceu Santos e Cubatão, entrando em contato com uma grande cidade: conheceu o elevador e o farol de trânsito. E foi, pela primeira vez, à importante festa de Iguape onde, também pela primeira vez, viu uma roda gigante, fogos de artifício, a quermesse. Ao sair de seu isolamento descortinou-se, na verdade, a perspectiva de sair de Cachoeira do Guilherme. Dali há alguns meses estaria se casando e mudando-se, definitivamente, para Iguape.

### **Paula: porta-voz da tradição**

O acervo de histórias de Paula é, como já foi dito anteriormente, composto daquelas que aprendeu com pai. Dele constam um grande número de narrativas tradicionais que ela conta seguindo o texto que memorizou, mas com o toque de sua peculiar interpretação. Alguns casos também se sedimentaram e recebem tratamento de histórias.

É possível salientar pelo menos cinco categorias de histórias que predominam no repertório de Paula:

1. Histórias de Pedro Malasarte - Abençoado por um favor feito a Nossa Senhora, Pedro Malasarte engana o mundo, mas não é jamais por ele enganado. Suas "peças" são aplicadas, principalmente, àqueles que são mesquinhos, avaros e egoístas. Ele se caracteriza, fundamentalmente, por ser mais esperto do que aquele que se julga esperto. São histórias que propiciam a reflexão sobre a esperteza, a avareza, o egoísmo, o orgulho. Paula demonstra admiração por este personagem pela sua qualidade de *ladino*, funcionando como uma espécie de desafiador da ordem do mundo, por seus poderes advindos de uma "graça" divina. O humor está presente nestas histórias e as maldades de Pedro Malasarte são risíveis, principalmente, porque praticadas contra homens e mulheres mesquinhos.

2. Histórias de bichos e de bichos e homens - são bastante apreciadas por Paula e incluem uma série de relatos sobre acontecimentos que misturam homens e animais, os quais fazem parte de uma mesma sociedade. O macaco se destaca como personagem, através de sua esperteza e astúcia contra, invariavelmente, a força da onça. O macaco é, também, bastante apreciado pela sua inteligência e pela forma de "andar ativo" na vida. São histórias bem humoradas e de enredo intrincado.

3. Histórias como o Cachinho do Tucum, o Pavão Misterioso, Maria Borradeira que recebem um tratamento textual que aproxima os relatos da realidade espaço-temporal do caçara, guardando, ao mesmo tempo, elementos de um mundo distante culturalmente, numa espécie de sincretismo. Estas histórias, por mais fantásticas que sejam, reportam à concepção de que a vida de todas as pessoas se encadeia como um romance. Os personagens são tomados como homens e mulheres que viveram, ou vivem ainda, "bem velhinhos", em algum canto do mundo.

4. Histórias sobre o tempo em que Jesus andou pela terra e se relacionou com os caçaras. São histórias que vinculam, quase sempre, uma moral relacionada às dicotomias bondade/ maldade; avareza/generosidade; riqueza/pobreza; egoísmo/compaixão.

5. Histórias sobre compadres ricos e compadres pobres - nessas estão presentes os temas da cobiça, da humildade, da bondade e da maldade.

Embora quase todos na comunidade sejam afeitos ao relato de histórias, Paula se destaca pelo grande repertório, pela teatralidade de sua expressão, que mantém a audiência envolvida e atenta, e pela capacidade de elaborar o sentido das histórias para a vida da comunidade.

Ao contar as histórias, Paula parece deslocar-se para a cena daquilo que é relatado e vive os casos como fatos reais ocorridos num tempo passado, no tempo de *dantes*. Tomar as histórias como a verdade do passado está implicado no modo próprio como Paula, a um só tempo, atualiza este passado na vivência presente e o toma como matéria-prima para um trabalho de pensamento que vai, no entremear de comentários, descortinando suas visões de mundo, seus valores, suas teorias sobre a origem do mundo. Então, por exemplo, as histórias de bichos e homens - como aquela em que a onça namora a filha do fazendeiro e tem no macaco um rival astuto que acaba por levar-lhe a me-

lhor - dão suporte à teoria segundo a qual existiu uma comunidade primordial em que homens e bichos viveram sob a mesma lei, falando a mesma língua.

As histórias são, portanto, mais do que um mero divertimento: são o testemunho de um mundo distante no tempo e no espaço que se oferece como objeto de reflexão. Há, no estilo de Paula, a presença de perguntas que lança a si mesma. Ao respondê-las, a narradora atualiza a potência germinativa das histórias, atualizando, pelo mesmo movimento, os modos tradicionais de responder às perguntas sobre o sentido da vida humana.

*Mas só podia ser por isso, por que como que ficou a história? A história é a vida mesmo, acho que é. Foi a real que passou-se de dantes. A real. Porque todas as coisas têm uma história. A história foi isso: coisa que passou-se. Então, ficou por história. Você sabe, tudo que é de passado, fica por história.*

Há em Paula um profundo respeito pelas histórias e um compromisso com contá-las tal e qual ouviu em sua infância. Enquanto testemunho do passado, estas histórias dependem de um narrador fidedigno e confiável que lhe sirva de guardião. Paula constitui-se, pela sua confiabilidade, em guardião destes testemunhos e elo de ligação entre o presente e o passado de sua comunidade.

As histórias contadas por Paula fazem parte da memória coletiva do grupo e seu pensamento sintetiza visões compartilhadas por aqueles que a cercam: o que se acumula e se sedimenta em torno das narrativas tradicionais, enquanto maneiras próprias de pensar a realidade e os tempos, agrega-se ao patrimônio intelectual e afetivo da comunidade, do qual, nesse caso, Paula é porta-voz.

### Cida: o contraponto crítico

Cida é capaz, assim como Paula, de manter uma audiência atenta aos seus relatos durante horas. O humor, presente em Paula, é, em Cida, levado a extremos, provocando, freqüentemente, a hilaridade em seus ouvintes.

A matéria-prima de suas histórias é, fundamentalmente, a sua vida e a vida da comunidade. Desta forma, seus personagens não são os personagens imaginários de Paula, mas pessoas conhecidas, parentes, vizinhos, gente de Iguape, turistas. Ela mesma é a protagonista de muitas histórias, nas quais aparece como alguém que presenciou ou ouviu alguma coisa e, apro-

priando-se do fato, o transforma em história. Assim, a dimensão espaço-temporal de suas narrativas é situada na proximidade e é possível caracterizar Cida como uma espécie de cronista do seu tempo e lugar. A marca de seu estilo, como cronista, é a leitura crítica que faz dos acontecimentos.

A crítica aparece no humor desenfreado que vai transformando quase tudo em piada, mas não apenas aí.

Um dos dispositivos críticos de Cida consiste, justamente, em sua linguagem e no modo como, através da linguagem, coloca o ouvinte diretamente na cena que descreve: uma linguagem que mostra, mais do que busca explicar ou mesmo convencer, aglutinando os diversos elementos da cena numa forma concisa e direta de relatar. A passagem transcrita a seguir ilustra bem esta característica do estilo de Cida:

*Passava o dia todo no mato. Roçar, roçava uns bananal de oitocentos, novecentos pé de banana. Roçava dentro de uma semana, uma semana e meia. Aí eu terminava com aqueles pé de banana, já tava tudo limpo, passava pra outro bananal de quinhentos, seiscentos pé. Limpava tudo, o bananal. Aí, depois que já não tinha mais, o patrão chegava: ó Cida você tem que entrar aí nesse mato bruto. Mato assim, sabe, bruto mesmo, que nunca foi roçado. Pegava, metia pau. Roçava, roçava. Aí depois que tinha roçado tudo: - Cida, derrubar. Derrubava os paus, as madeira, tudo caía no chão. - Aí desgalhar. Eu pegava, cortava tudo pequeno, uns galhos. - Aí queimar. Aí chegava....*

Nesta passagem, impressiona o ritmo do fraseado que imita o ritmo incansável, duro, ininterrupto do trabalho, mas, também, o modo como Cida abre as relações de poder, dominação e exploração sintetizadas no imperativo da ordem de comando do patrão, seguida da ação imediata dela mesma. Nesta mesma cena, Cida enseja o ensinamento das fases de preparo da terra para o plantio.

A forma concisa da linguagem, o humor, por um lado, e a acolhida de um saber tradicional são os elementos que cunham o modo como Cida trata os acontecimentos ligados aos *antigos*. Sua relação com a tradição aparece, principalmente, como uma apropriação crítica. Nesta forma de apropriação há uma polaridade em tensão representada, de um lado, pelo interesse de Cida pelas expressões da tradição e, de outro, pelo distanciamento em que se coloca com relação a elas. O trecho a seguir explicita de modo exemplar este modo de apropriação da tradição por parte de Cida:

*Quaradouro. Eles colocam a roupa... Lá em Aguapeú, vocês precisavam de ver, você se matava de rir quando ia lá. Aquelas mulheres tudo com a ... Não dizem cachoeira, nem poço. Eles dizem fonte. Vamos pra fonte. Pegam umas baciona de roupa, põem nas costas, vai eles pra fonte deles ... Chega lá: bater na tábua, a roupa. Não existe cândida e sabão em pó: quem inventou foi burro, pra eles. Bate a roupa ali tudo. Daí faz pelotes. Eles dizem: hoje vou pelotar a roupa. Vai saber o que é isso! Eles ensaboam, né. Aí eles enrolam assim a roupa e colocam tudo cheio de bolinha. Ah! mas você se matava de rir. Eles coloca assim. Amanhã... aí eles vão lá, tiram tudo, batem de novo naquela tábua, esfregam, ensaboam tudo outra vez, viram na direita, fazem as mesmas pelotinho e deixam. Aí, no outro dia, eles vão de novo nessa roupa... pegam, vão lá no mato assim, qualquer mato assim baixinho, estendem tudo. Deixa lá. Ficam o dia. Passa o dia no sol inteirinho. Até eu perguntei pra mamãe: O que é isso? Quando essa mulher vai vestir essa roupa de volta? Aí coloca ali. Aí bate o sol naquela roupa. Deixa tudo dura a roupa, pois com sabão, com a espuma do sabão, o sol, fica tudo dura a roupa, daquele que fica de pezinho sem ninguém. Aí eles vão lá, viram da direita, do avesso, de ilharga, aquilo ali tudo, de tudo jeito naquela pilha. Aí eles pegam, trazem pra água outra vez. Aí já está com uns cinco dia. Trazem para a água e ensaboam de novo, batem naquelas taboinhas, deixam empelotado. No outro dia eles vêm de lá, colocam a vasilha de água... É... uma vasilha de água assim, numa bacia, alguma coisa cheio de água, coloca de molho, pra sair aquela espuma de sabão. Vão embora. No outro dia colocam outra água e deixam aquela água de molho. Ah, rasga roupa, digo que rasga a roupa! Depois eles enxaguam a roupa e colocam no varal. Mas quando eles colocam no varal, você esquece a feição daquela roupa. Não existe mais. Aí que eles vão vestir.*

O relato, ao mesmo tempo que é crítico com relação ao modo tradicional de lavar roupa, recolhe o ensinamento da tradição. O distanciamento bem humorado de Cida acaba por aproximar o ouvinte da prática tradicional, tendo a oportunidade de conhecê-la nos seus mínimos detalhes.

Cida recolhe, ainda, um sem número de palavras antigas, diante das quais manifesta a mesma polaridade: interesse por seu significado e crítica pelo seu teor antiquado, em desuso.

(contando uma história sobre seu tio Lóro)  
*Chegou, né, falou assim: - Olhe, vocês estão tudo*

*aí... fiquem prestando atenção no que eu vou dizer: um rapaz pra casar hoje - ele falou - um rapaz pra casar hoje ele tem de ter calçamento - entenda agora - tem de ter calçamento, combustível, vestuário, combinação, corpinho, tetéia. Tetéia... entenda agora! Eu fiquei boba assim, olhando pra ele. Vestuário e o homem tem de ter cenoura. Aí, então, sabe o que que é? É ó: o calçamento é tênis, qualquer coisa, tênis, sapato... É calçamento. Combustível é comida. Então é comida, combustível é comida que ele diz. Combinação é aqueles tipo de saiote, saiote, aqueles tipo que eles usavam antigamente, que o saiote era emendado com a blusa, com tudo... Outro: corpinho é sutien. Pertencente é calcinha. Brinco é tetéia. Vai entender isso! E cenoura é cueca. Entenda agora!*

Os modos dos caçaras na cidade grande são motivo também de recriações divertidas de Cida e estas recriações aproximam-se de outras nas quais ela mesma protagoniza sua ignorância e desajeitamento diante dos artefatos da metrópole. Nestas histórias ela aparece como membro da comunidade caçara e é objeto, também, do humor e da crítica.

A curiosidade e a inteligência de Cida parecem sustentar seu talento como narradora que, numa posição diferente de Paula, coloca-se como cronista dos costumes e valores tradicionais e da vida cotidiana da comunidade.

## **Estilo narrativo e pertença social**

Para a articulação entre estilo narrativo e pertença social a observação do cotidiano da comunidade foi muito preciosa como complemento às histórias de vida e depoimentos.

O delineamento das imagens das narradoras já aponta para uma diferença nas posições sociais ocupadas por Paula e Cida. Porém, os deslocamentos espaciais no interior da comunidade - o registro das visitas, o entre e sai de gente pelas casas, que sempre permanecem abertas -, as "disputas" em torno da hospedagem dos pesquisadores, as referências veladamente críticas entre os moradores, enfim, uma série de indícios advindos da observação ajudam a compor o quadro de um certo isolamento e discriminação com relação à família de Cida.

Trata-se, aqui, não do estabelecimento de uma determinação da posição e forma de pertença social sobre o estilo narrativo, mas da construção de analogias entre estes fenômenos que, a meu ver, se constituem simultaneamente a partir da vida social dos grupos.

Nessa perspectiva, a diferença de estilos entre Paula e Cida se abre como a expressão de pontos de vista sobre a vida social-comunitária e, ao mesmo tempo, descortina aspectos conflituosos e dinâmicos do grupo social ao qual pertencem. (HALBWACHS, 1990).

Paula constitui-se como porta-voz da tradição, atualizando modos de pensar e de sentir hegemônicos na comunidade e, nesta atualização, protege o patrimônio tradicional. Sua luta por permanecer no lugar é sintônica com a preservação das práticas tradicionais e, nesta sintonia, há uma intuição do valor destas práticas com relação à preservação da coesão e da identidade de seu grupo social. Como guardiã de um acervo precioso de histórias que sustentam toda formulação mítica que justifica a existência daquela forma de vida social peculiar, Paula vive uma inserção radical nesta forma de vida: seu destino e o destino da comunidade se confundem, assim como sua trajetória passada.

Por sua posição e modo de engajamento podemos, talvez, entender porque Paula distingue as histórias dos tempos de *dantes*, estas que permanecem na memória coletiva, do mexerico e da mentira que dão corpo à comunicação oral cotidiana e que se perdem para a memória: enquanto o acervo da memória coletiva joga um papel fundamental na composição da argamassa que mantém o grupo social coeso e identificado a si mesmo, o mexerico e a mentira são fatores de separação, discórdia e desagregação. O respeito de Paula por esse acervo e, juntamente, a sua extrema reserva em tomar seus conterrâneos como personagens, bem como em tornar a vida comunitária atual objeto de relatos com estatuto de histórias, indicam uma forma, talvez, de proteger a herança tradicional de seu grupo. Paralelamente, as histórias são um elemento que suscita a reflexão e o trabalho do pensamento e, por isso, desempenham o papel de agentes educativos. Nesse sentido, Paula atua, também, como

uma educadora, retomando e dando seqüência à tarefa do pai que, sem dúvida, é a referência espiritual e intelectual mais importante para a comunidade.

Cida, por sua vez, tematiza criticamente a tradição e a vida comunitária. Sua posição não é de imersão na vida comunitária e de adesão à tradição, mas de questionamento e curiosidade. É interessante como seu estilo mimetiza este lugar marginal, no sentido forte da palavra: seu estilo margeia a tradição, seu lugar é à meia-distância entre o engajamento e a possibilidade de partir. Para Cida a questão não parece ser a da manutenção da comunidade, mas a de suas falhas em prover uma vida satisfatória para seus moradores e a de ser, ao mesmo tempo, a referência que conhece de vida social. Há, portanto, intimidade e distanciamento, permitindo que tome seus vizinhos e parentes como personagens, pois, pela intimidade os conhece e pelo distanciamento os critica.

## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. (1936) *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras Escolhidas v. 1.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São paulo: Loyola, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível' ". IN:
- SIMSON, Olga de Moraes Von. *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988. in.